

Kropotkin, 100 anos: como as ideias e práticas sociais desse geógrafo anarquista nos ajudam a compreender e a transformar o nosso mundo

Amir El Hakim de Paula¹

RESUMO

Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um importante geógrafo do século XIX. A partir de suas análises sobre o apoio mútuo, percebemos uma imensa gama de assuntos geográficos por ele trabalhados, construindo uma obra extensa e ainda pouco debatida nos meios acadêmicos. Dessa forma, compreendemos que é demais imperativo, nesse momento de grande debate no ensino básico, principalmente sobre qual é o papel da Geografia na escola, compartilhar e divulgar as ideias e práticas desse importante cientista social do século XIX. Enquanto anarquista, Kropotkin sempre defendeu uma ciência verdadeiramente popular, acessível às classes menos privilegiadas, se transformasse em um mecanismo de construção de uma sociedade mais igualitária, democrática e solidária. Pensar a Geografia tendo o anarquismo como uma importante interlocução, possibilita um olhar mais dinâmico e criativo, tornando essa ciência uma experiência intelectual livre das amarras dos ditames burocráticos, que possa ser apropriada por todos, em um processo de profundo interconexão entre a teoria e a prática social. Com Kropotkin, a anarquia torna-se uma bandeira social dos mais explorados e pontua a necessidade de um mundo diferente. Com ele, a Geografia torna-se uma ciência basilar para que as mudanças requeridas possam se efetivar. Kropotkin, geógrafo e anarquista, é a ponte que une o saber acadêmico com o saber social.

Palavras-Chave: Kropotkin; Geografia; Anarquismo; Apoio Mútuo

Kropotkin, 100 years old: How the ideas and social practices of this anarchist geographer help us to understand and transform our world!

ABSTRACT

Piotr Kropotkin (1842-1921) was an important nineteenth-century geographer. Based on his analysis of mutual support, we noticed a huge range of geographical issues he worked on, building an extensive work that is still little debated in academic circles. In this way, we understand that it is very imperative that at this time of great debate in basic education about the role of Geography, we can share with the ideas and practices of this important social scientist of the 19th century. As an anarchist, Kropotkin always defended a truly popular science, in which accessible to the less privileged classes, would become a mechanism for building a more egalitarian, democratic and solidary society. Thinking about geography with anarchism as an important dialogue allows for a more dynamic and creative look, making this science an intellectual experience that is not tied to bureaucratic dictates, can be appropriated by everyone, in a process of deep interconnection between theory and social practice. With Kropotkin, anarchy becomes a social flag of the most exploited and points to the need for a different world. With it, Geography becomes a basic science so that the required changes can take place. Kropotkin, geographer and anarchist, is the bridge that unites academic and social knowledge.

Introdução

¹ Professor assistente doutor na UNESP campus Ourinhos. e-mail: amir.paula@unesp.br

Ao olharmos as efemérides do ano de 2021, encontramos, ainda que um pouco obscurecido, o centenário da passagem do geógrafo russo e anarquista Piotr Kropotkin.

Essa quase obliteração de nosso autor, que muitos pesquisadores nas ciências geográficas desconhecem ou mesmo não se importam com suas discussões, tem, em um momento ainda marcado pela pandemia, a oportunidade de ser finalmente superada.

Alguns encontros internacionais estão se desenrolando neste ano, apresentando as principais contribuições que esse autor trouxe não apenas ao anarquismo (na sua vertente comunista), mas também ao pensamento geográfico. Um desses encontros ocorre na USP, e é organizado por professores da casa, entidades anarquistas, caso da Biblioteca Terra Livre, e professores de universidades estrangeiras.

Analisando as diversas mesas existentes, percebemos a potencialidade do pensamento de Kropotkin. As intervenções dos palestrantes demonstram a grande diversidade das ideias desse importante teórico social.

A questão que fica é: por que demoramos cem anos para minimamente discutir suas principais considerações? Para compreendermos isso, é bom termos em mente que a chamada Geografia Acadêmica Brasileira pouco discutiu ou mesmo citou um dos principais geógrafos anarquistas do século XIX. É fato que Elisée Reclus², companheiro de ideias de Kropotkin, repercutiu entre os geógrafos brasileiros da segunda metade do século XX. Algumas passagens bibliográficas deixam explícitas as suas contribuições ao espectro científico.

Antes mesmo que a renovação da Geografia ocorresse no país, geógrafos considerados, naquele momento, como “tradicionais”, ainda que minimamente, destacavam a presença do anarquista francês no *rol* dos mais importantes pensadores franceses.

Na revista que ora discuto a importância do pensamento de Kropotkin, Aroldo de Azevedo, em um artigo póstumo de 1976 vai afirmar sobre Eliseé Reclus:

² Elisée Reclus foi um geógrafo e anarquista francês do século XIX. Participou da Comuna de Paris, tendo uma obra de grande volume e importância, se destacando a *Nouvelle Géographie Universelle*.

A vida de Élisée Reclus foi profundamente agitada, em virtude de suas ideias extremistas. No entanto, consequência dessa própria agitação em que viveu, dedicou-se de corpo e alma ao trabalho, em particular à Geografia. (AZEVEDO, 1976, p.12)

Aqui, Aroldo de Azevedo, hoje ligado a um discurso positivista, apresentava a contribuição ao pensamento geográfico de Élisée Reclus, externando, inclusive, que a isso ele tinha se dedicado “de corpo e alma”.

Alguns anos adiante, já na chamada Geografia Crítica, um de seus expoentes não parece ser tão generoso com a Geografia Anarquista. Ao falar da Escola Francesa, Moraes (1987, p. 68) vai afirmar que:

Em termos de outros autores, um relevo deve ser dado à figura de Élisée Reclus, menos por suas formulações do que por seu engajamento político, ímpar entre os geógrafos.

Se para Aroldo, um representante da elite paulista, Reclus era um importante geógrafo em que pese ser revolucionário, para Moraes, o anarquista era um importante revolucionário que nada tinha a contribuir para a Geografia.

Sejamos honestos, entre os importantes expoentes da geografia renovada pós década de 1970, destaca-se não só Reclus, mas também Kropotkin.

Ao comentar sobre a geografia colonial francesa, Santos (2002, p.30) vai afirmar:

De um lado, aqueles que lutavam pelo advento de um mundo mais justo, onde o espaço seria organizado com o fim de oferecer ao homem mais igualdade e mais felicidade: são os casos de Elysée Reclus e Camille Vallaux. Será que se pode também incluir Kropotkin entre os que viam no espaço uma das chaves da construção de uma nova sociedade? Não importa que o príncipe anarquista não tenha sido oficialmente um geógrafo.

Tentaremos demonstrar nesse artigo como Kropotkin foi essencial para debates geográficos seminais, como por exemplo, as relações entre a sociedade e natureza e o ensino. E, embora não fosse considerado oficialmente um geógrafo, esteve em inúmeros embates na Real Sociedade de Geografia, como bem demonstrou Vesentini (2015).

A própria AGB, em 1986 dedicou a Piotr Kropotkin um número de seu “Seleção de Textos”, o qual trazia inúmeras traduções esparsas de algumas de suas obras.

Além dos citados acima, poderíamos elencar ainda o importante trabalho de Andrade (1992) que abre em seu importante manual de Geografia um capítulo dedicado ao que ele chamou de “Geografia Libertária”

Pensar a Geografia com as propostas anarquistas é um desafio contínuo. Seja porque os anarquistas têm escassa presença na academia, quiça nas ciências humanas ou, mais ainda, se com eles é realmente possível pensar algo inovador para o pensamento geográfico atual.

Sendo assim, nossa principal tarefa neste artigo é demonstrar algumas contribuições que Piotr Kropotkin trouxe ao arcabouço teórico geográfico. Com isso, esperamos que as novas gerações de professores de Geografia e geógrafos, ao conhecerem esse importante pensador do século XIX, possam contribuir para uma maior disseminação de suas ideias sobre o ensino de Geografia, a relação sociedade e Natureza e tantas outras tão pouco debatidas no nosso meio.

Piotr Kropotkin, em seu centenário de falecimento, deve ter seu pensamento revivido! E assim, ganha a Geografia como um todo, visto que o geógrafo e anarquista russo buscou há mais de 100 anos trabalhar ferozmente o caráter transdisciplinar dessa ciência.

Como é ainda um ilustre desconhecido para a maioria daqueles que discutem a Ciência em geral, optamos em apresentar uma pequena biografia do Príncipe Anarquista, como generosamente o descreve Milton Santos, ainda nos exórdios da Geografia Crítica.

Piotr Kropotkin: um homem de ideias e ações

Piotr Kropotkin foi um geógrafo anarquista que descendia direto da família Rurik, considerada uma das formadoras do povo russo. Nascido em Moscou no ano de 1842, desde muito cedo acessou às melhores condições que uma criança poderia ter em um país continental e de grande diversidade étnico-religiosa.

Isso significava ter preceptores em línguas ocidentais (francês e alemão), bem como nas artes e ciências em geral, tornando-se assim um digno representante da aristocracia.

Como todo membro da nobreza, Kropotkin entrou no chamado Corpo de Pagens a fim de ser um oficial. O Corpo de Pagens, segundo Woodcock (1978), tinha

aproximadamente cento e cinquenta alunos que concluíam uma carreira militar e demais direitos exclusivos de uma instituição ligada diretamente à família real.

Com a formação no corpo oficialato, a Kropotkin ficou a tarefa de coordenar o mapeamento da região do Amur. Lá, junto com seu companheiro de trabalho e historiador natural Poliakov, tomaram contato com as ideias de Darwin e com a flora e fauna siberiana.

Neste espaço inóspito, Kropotkin percebeu que muito daquilo que a obra “Origem das Espécies” do naturalista britânico trazia, como a competição, não era recorrente.

Na Sibéria, Kropotkin desenvolveu algumas teorias sobre o processo de sedimentação das principais linhas estruturais do relevo russo, conquistando a medalha de ouro da Sociedade Geográfica Russa, bem como convidado a ser secretário geral da área de Geografia Física.

Ao longo da década de 1870, Kropotkin leu uma das principais obras de Proudhon (Sistema das Contradições Econômicas) transformando-se, nas palavras de Woodcock (1978) um socialista.

Interessante perceber que esse período é um momento de grande agitação na vida social de nosso geógrafo. Além de definitivamente abrir mão de sua origem principesca, Kropotkin participa de círculos de estudos socialistas (Círculo Tchaikovsky), sendo preso na Fortaleza Pedro e Paulo.

Na segunda metade dessa década, Kropotkin consegue fugir dessa temida fortaleza imperial, com destino ao exílio na Inglaterra, país então sede de vários refugiados sociais, como Karl Marx.

Na Europa Ocidental, Piotr Kropotkin toma contato com os adeptos da ala antitutoritária da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), que no Congresso de Haia (1872) foram expulsos pela ala majoritária, encabeçada por Karl Marx e Friedrich Engels.

Esses militantes, a saber, James Guillaume³, principalmente, visto que Mikhail Bakunin já estava morto, se articulavam para dar continuidade a uma nova organização internacional, só que agora com caráter anarquista.

3 James Guillaume foi um anarquista e historiador londrino, adepto das ideias de Bakunin na chamada I Internacional. No período da I Guerra Mundial escreveu junto com outros anarquistas, como Kropotkin, um manifesto em apoio aos aliados.

Na década de 1880, além de sua militância anarquista, Kropotkin inicia uma parceria com o geógrafo francês Élisée Reclus. Ambos trabalham na magna obra *Geografia Universal*, e a Kropotkin fica destinado concluir a parte sobre a Rússia.

Nas últimas duas décadas do século XIX, torna-se um cientista renomado, participando de inúmeros debates com alguns dos principais nomes da chamada Geografia Tradicional.

Uma das mais interessantes querelas ocorre com Halford Mackinder⁴, que a pedido da Real Sociedade Geográfica de Londres fez uma palestra, posteriormente publicada em artigo, sobre qual seria o papel da Geografia na contemporaneidade.

Para o geógrafo britânico, a Geografia, em linhas gerais, não deveria ser popularizada, ficando desse modo restrita aos grupos de interesses econômicos e políticos. Assim, tornar-se-ia uma ferramenta importante para o processo de intervenção europeia nos continentes africanos e asiáticos.

Como crítica a esse modelo imperialista e extremamente preconceituoso, Kropotkin propõe uma Geografia mais humanista, que lutasse pelo fim dos privilégios e fosse uma ciência aprazível para as crianças. (VESENTINI, 1987)

Percebemos então que Kropotkin era um importante interlocutor nessa entidade científica. Além disso, escrevia regularmente para as mais destacadas revistas científicas, caso da *Nature*.

Em 1892, o geógrafo russo completou aquela que seria uma das suas mais importantes obras: “A Conquista do Pão”. Esse livro sintetiza seu posicionamento no anarquismo, abordando a maneira com a qual a sociedade deveria se organizar. Defendendo o que seria conhecido como anarco-comunismo, Kropotkin propõe uma revolução social pautada na liberdade individual, e que os coletivos tivessem a preocupação de extinguir quaisquer traços de carência social.

Embora Kropotkin escrevesse esse singular trabalho se orientando pelas convicções comunistas, é interessante perceber que várias temáticas geográficas estão presentes. Podemos dar como exemplo os debates sobre Habitação e Agricultura. Ainda que a Geografia não tivesse as suas diversas áreas estabelecidas, é sintomática a presença de

4 Mackinder foi um geógrafo e geopolítico britânico. Entre suas principais ideias temos a Teoria do Heartland, discutida em um artigo publicado em 1904.

discussões que hoje se encaixariam perfeitamente naquilo que chamamos de Geografia Urbana e Geografia Agrária.

No início do século XX, especificamente em 1902, Kropotkin publica outra obra seminal, agora sobre o Apoio Mútuo. Essa peça geográfica e militante procura abordar de que maneira a solidariedade percorre historicamente as sociedades humanas ou não.

Para nosso autor, a solidariedade seria uma ação natural sobre os seres vivos e não um processo evolucionário humano. Logo, todos os animais se aperfeiçoariam tendo o apoio mútuo como base principal.

Dessa forma questionava tanto a competição quanto a ideia hegemônica da adaptação do mais forte. Com isso, entrava em um debate permeado de falsas concepções sobre as populações originárias dos continentes africanos e asiáticos.

Ainda que o livro "O Apoio Mútuo" (Mutual Aid, no idioma original) tivesse como interesse maior questionar as tratativas de Thomas Huxley sobre a competição e a adaptação do mais forte no processo evolutivo, é candente a presença de temas muito próximos ao arcabouço teórico geográfico.

Em 1916, no meio da Primeira Guerra Mundial, Kropotkin, em uma ação antigermanista, junto com outros anarquistas como Jean Grave e Charles Malato, apoia a Tríplice Entente (aliança europeia entre França, Reino Unido e Império Russo) contra as chamadas Potências Centrais (Império Alemão, Império Otomano e Império Austro Húngaro).

Muito embora alguns anarquistas tenham assinado esse manifesto (Manifesto dos dezesseis), a maior parte da militância libertária foi contra a Guerra, condenando de forma veemente o apoio a um dos lados do conflito.

Como resultados da participação russa no conflito mundial, no ano seguinte, ocorrem duas revoluções no seu país de origem: a primeira, em fevereiro/ março, tendo Alexander Kerensky⁵ como principal liderança e mais tardiamente, outubro/novembro, com a tomada do Palácio de Inverno pelos bolcheviques.

⁵ Alexander Kerensky foi um socialista russo que ocupou o cargo de primeiro-ministro no governo provisório pós queda do Czarismo.

No caso da Revolução democrática e liberal (fevereiro/março), com a tentativa de consolidar-se uma república aos moldes ocidentais, houve uma grande euforia em solo russo.

A queda do Czarismo trouxe novamente ao grande território Oriental inúmeros intelectuais e ativistas sociais. Entre esses, temos a volta de nosso geógrafo. Recebido por políticos de diversos matizes e por intelectuais renomados, Kropotkin chega à terra-mãe quarenta anos após sua fuga ao exílio. É importante frisar que uma boa parte da militância anarquista não o recebeu devido ao seu posicionamento sobre a Guerra.

Com a chegada dos bolcheviques ao poder, Kropotkin viveu quase que isolado na cidade de Dimitrov, e mesmo combatido pela idade avançada, era constantemente assediado por policiais do aparato repressor.

O príncipe anarquista falece em 1921, sendo o seu enterro acompanhado por milhares de pessoas, em que pese as condições inóspitas e o frio severo. Transformado em uma manifestação anarquista, o cortejo fúnebre teve a participação de políticos das diversas tendências sociais, demonstrando o profundo respeito que tinha entre aqueles que lutavam pela emancipação humana.

Geografia e Ensino: um debate em Piotr Kropotkin

Uma das principais propostas defendidas pelos anarquistas é a transformação radical da sociedade. E não será possível que essa sociedade capitalista seja substituída por outra menos desigual, mais autônoma, onde o indivíduo tenha acesso aos frutos que desejar, se a escola continuar da mesma maneira.

Logo, não se trata apenas de tornar a escola um ambiente agradável, permitindo que os estudantes sejam protagonistas e participantes diretos da sua formação. A bem da verdade isso por si só já seria um grande avanço no século XIX e, em larga medida, até hoje. Mas aos anarquistas a escola deveria ter outra função: discutir os principais fatores que criaram uma sociedade cindida entre ricos e pobres.

A construção social de uma escola crítica ao sistema é um dos pressupostos anarquistas. Então, é imperativo que a didática da sala de aula não seja pautada, única e exclusivamente, nos interesses do professor.

O ambiente educacional deve ser harmônico, na prevalência das autonomias individuais, na livre procura pelo conhecimento e no qual o apoio mútuo seja a base que sustente uma relação igualitária entre mestres, alunos e a comunidade.

Assim, desde a chamada Primeira Internacional, os anarquistas se preocupam em garantir que todas as crianças tenham acesso ao conhecimento. E que a sua constituição seja uma constante prática social que leve em consideração os saberes acadêmicos, mas não só.

Só é possível construir um mundo novo se as suas bases estiverem calcadas na liberdade de pensamento, autonomia e apoio mútuo. Faz-se necessário que uma nova escola seja gestada na contemporaneidade e não posta em prática quando uma improvável noite revolucionária porvir.

Piotr Kropotkin defende uma educação libertária que transforme radicalmente o ambiente escolar. Compreende que só é possível a construção de uma sociedade mais humana e democrática se efetivamente as relações educacionais forem de outra verve.

Muda-se a escola para que também sejam discutidos novos conteúdos e que a formação do aluno não fique, única e exclusivamente direcionada, para uma capacitação laborativa.

Como aponta Kropotkin (2012, p.77): “Em último termo haverá de se recorrer ao ensino integral: ao ensino que por exercício da mão sobre a madeira, a pedra e os metais falam ao cérebro e o ajuda a desenvolver-se”

Uma escola radical deve ser um ambiente novo, problematizador, crítico e que transmita o conhecimento dialogicamente e dialeticamente. Dialogicamente, porque o diálogo é essencial para que a harmonia seja o fio condutor do processo. E dialeticamente, para que as diferenças sejam ressaltadas e o alunado consiga minimamente tomar, caso queira, alguma posição.

Pensando nessa escola é que Kropotkin propõe outra Geografia escolar, não mnemônica e completamente diferente daquela usual nas escolas públicas ou privadas. Para tal efeito o geógrafo russo estabelece que o ensino de Geografia seja:

Se déssemos um significado como esse à geografia, esta compreenderia, tanto nas escolas primárias como nas universidades, quatro ramos do conhecimento [...] intimamente conectadas entre si.

Três desses ramos - orogênese, climatologia e zoofitogeografia - corresponderiam, falando em linhas gerais, ao que se descreve agora como geografia física; enquanto que a quarta, que incluiria algumas partes da etnologia, corresponderia ao que se ensina parcialmente agora sob a denominação de geografia política [...] (KROPOTKIN, 2012, p.49-50)

Kropotkin assevera a ciência geográfica como uma possibilidade de discussão entre a Sociedade e a Natureza. Os aspectos físicos devem ser trabalhados pensando em suas relações com o Homem. Como dizia: “Um estudo da natureza sem o homem é o último tributo pago pelos cientistas modernos à sua educação escolástica anterior”. (KROPOTKIN, 2012, p.75)

O principal objetivo dessa Geografia escolar é superar a dualidade física/humana, tão comum até os dias de hoje. Não há sentido algum trabalhar orogenia sem a relação com a ocupação do solo. É importante perceber quais são as potencialidades ou limites que a presença humana traz ao ambiente natural.

Caso contrário discutiremos geologia e não geografia. O professor deve incentivar que os alunos e alunas percebam as interfaces entre as chamadas geografias física e política. Qual o sentido de falarmos de climatologia e orogenia sem nos preocuparmos com a presença humana e as condições de sobrevivência das classes mais populares?

A aula de Geografia deve proporcionar a curiosidade, aguçar a imaginação, ensejar problemas e assim determinar que os estudantes estejam efetivamente integrados aos seus pressupostos.

O conteúdo deveria estar sempre em sintonia com a didática. A aula não é **para** uma sala, e sim **com** uma sala. O professor tem um conhecimento erudito que deve não ser colocado à frente das várias experiências discentes.

Esse é um importante paradigma libertário. Não é possível construirmos coletivamente uma aula sobre um conteúdo pretensamente revolucionário com uma prática conservadora. Existe um contrassenso nessa perspectiva.

Logo, a Geografia anarquista de Piotr Kropotkin não dissocia a prática da teoria. Do que vale construirmos uma criticidade conteudista e a aula continuar a ser uma via de mão única, do professor aos estudantes?

Como afirma:

Não deve restar um só ser humano a quem se negue o saber – não o meio saber superficial, mas o verdadeiro saber (...) Mas para isto

devem-se reformar os métodos de ensino (...) Em toda parte a história na escola é tempo absolutamente perdido para aprender nomes, leis incompreensíveis para as crianças, guerras, mentiras convencionais(...) KROPOTKIN, 2012a, pp.76-77.

A educação geográfica deve estar alicerçada em uma pedagogia libertária. A pedagogia libertária é o mecanismo no qual docentes e discentes podem pensar o conteúdo a ser ensinado.

Uma questão que surge é: como transformar as condições de aprendizagem se vivemos em uma sociedade capitalista, com seus mecanismos de dominação machista, racista, homofóbico e tantos outros? Será razoável esperarmos a revolução para começarmos a agir?

É interessante observar que Kropotkin, em vários momentos, cita escolas que tentavam fugir da normalidade de sua época. E elas não eram anarquistas ou libertárias.

Diz:

Outra característica a ser introduzida em nossas escolas deve ser mencionada aqui. Refiro-me ao intercâmbio, entre escolas, de correspondência sobre temas geográficos e de suas coleções de ciências naturais. Essa característica, já introduzida em várias escolas dos Estados Unidos, pela Agassiz Association não será nunca excessivamente elogiada. (KROPOTKIN, 2012a, pp.61-62)

Vamos pensar dentro de nossa realidade. Imaginemos uma situação hipotética na qual a escola em que somos professores oferece aos alunos e alunas um dado livro didático. É óbvio que ao final do ano letivo tanto os discentes (especialmente se estes estão em fase pré-vestibular) como os pais e o corpo diretivo esperam que a maior parte daquilo apresentado seja debatido, esmiuçado, enfim, colocado para a sala de aula.

Se quisermos apresentar o conteúdo de uma maneira libertária, precisamos perguntar aos estudantes quais são os seus reais interesses, e assim integrar o conteúdo do livro, o saber professoral e as inúmeras ideias apresentadas pela sala.

Então, não se trata apenas de ministrar o que o livro apresenta, mas superá-lo, ressignificá-lo, apresentando-o à luz dos interesses de todos.

O desejo dos discentes deve estar conectado com aquilo apresentado pelo professor. Se os estudantes gostam de música e o capítulo exige a discussão sobre o Relevo

Brasileiro, que tal relacionarmos ambos, num processo no qual a música seja esse fio condutor?

Desta forma, a aula será uma construção coletiva, uma experiência comum, em que todos participem, e efetivamente vejam algum significado na discussão proposta. Ou alunos e professores se entediarão e o processo de aprendizagem, que é também autoformativo, será apenas de interesse do professor.

É importante frisar que só conseguiremos ter professores engajados nessas propostas se a eles também a ciência geográfica for discutida enquanto um processo educativo no qual o universitário seja coparticipante.

Então, a formação universitária é o mecanismo inicial de apreensão de uma didática que prioriza a participação de todos e que não fique centralizada, única e exclusivamente, no docente.

Pensar a escola e a Geografia dentro de uma perspectiva libertária é combater todos os processos de exclusão que são comuns ao ambiente acadêmico. É superar a relação docente universitário/discente, ainda marcada por uma quase que total serventia do último.

Se formarmos professores autônomos, cientes da importância do saber acadêmico sem negar as diversas possibilidades de se compreender o conteúdo geográfico, possibilitaremos a constituição de docentes que compreendem a importância da integração escolar.

Caso contrário, contribuiremos para a formação de professores de educação básica engajados, determinados e entendedores da importância de um conteúdo crítico, mas que estarão com pouca criatividade para efetivamente transformar o ambiente educacional.

Diante dessa pequena exposição, esperamos que as novas gerações de professores façam da escola, aquilo que Kropotkin, há mais de um século disse:

Serão lugares onde a jovem geração assimilará o saber e a experiência dos mais velhos, e estes por sua vez tomarão dos mais jovens energia nova para desenvolver uma tarefa em comum(...).
(KROPOTKIN, 2012, p.73)

Apoio mútuo e Geografia: compreender o mundo sob um olhar mais humano

Piotr Kropotkin é conhecido pelas suas discussões sobre a relevância do apoio mútuo enquanto o principal fator de evolução. Debatendo com os darwinistas de sua época, principalmente Thomas Huxley⁶, o geógrafo russo procurou demonstrar que os seres vivos não só evoluíam por meio da competição.

Ao contrário daqueles que insistiam em apontar a luta pela sobrevivência como o principal fator, Kropotkin asseverava que mesmo o naturalista britânico Charles Darwin não tinha negado a importância do mutualismo entre as espécies.

Dessa forma, é importante frisar que o geógrafo russo estava preocupado com a exacerbação que várias autoridades e comunidades científicas destinavam à competição, contribuindo para que o preconceito contra as chamadas “raças inferiores” se ampliasse.

Seu esforço não era meramente científico ou acadêmico. Ele estava se contrapondo diametralmente aos postulados colonialistas que os darwinistas de então tentavam justificar.

O processo de invasão pelas potências europeias nos continentes africano e asiático teria ascendência científica com as propostas defendidas por Thomas Huxley. A compreensão de que a luta pela sobrevivência separa os homens em raças superiores e inferiores contribuía para o massacre dos autóctones. O racismo declarado de alguns desses defensores da chamada “luta pela sobrevivência” darwiniana era evidente e apenas reforçava um discurso hegemônico nas ciências sociais.

Como aponta Montagu, no prólogo da primeira edição norte-americana do livro *Apoio Mútuo*:

Lo que Kropotkin encontró inaceptable y contradictorio era el extremismo evolucionista representado pro Huxley en su "Manifiesto de la lucha por la existencia". Ello le iba a la filosofía de la época, el laissez-faire, como anillo al dedo. A Kropotkin no le gustaban sus implicaciones, ni políticas ni en cuanto al evolucionismo. (MONTAGU apud Kropotkin, 1989, p.23)

Para Kropotkin era determinante se posicionar contra os impactos desse discurso eurocêntrico e racista na sociedade ocidental. Ele temia um uso político a fim de justificar as crueldades que ocorriam em várias regiões da África.

⁶ Thomas Huxley foi um dos mais destacados defensores da teoria da evolução. Conhecido como "bulldog" de Darwin, participou em um importante debate científico sobre as evidências da proposta darwiniana, com o então Arcebispo de Cantuária.

Mas, além de construir uma resposta aos cientistas e positivistas de seu tempo, é interessante observar que sua discussão é sobremaneira geográfica e, principalmente, está carregada de conceitos, explícitos ou não.

Nessa parte do artigo não nos importa apenas o Kropotkin que lutou contra a hegemonia de sua época, seja por que era uma anarquista ou um excêntrico cientista, nas palavras de Gould (1988).

Mais do que isso, Kropotkin intervia como um geógrafo ao questionar a política socioeconômica dominante e uma sobrevalorização dos princípios darwinistas pela comunidade científica.

Muito embora algumas categorias ou conceitos das ciências sociais não fossem ainda comuns ao temário científico, elas apareciam em seus escritos. Sua discussão era geográfica quando tratava de associar as questões do campo com as da cidade. Assim, demonstrava de que maneira o primeiro era subsumido economicamente pelo urbano e as consequências que isso traria ao mundo.

Aponta de que forma o capitalismo de sua época era centralizador e as consequências deste processo para uma maior desigualdade. Assim, advogava a descentralização como um processo econômico mais justo.

Quando realiza essas especulações, Kropotkin aponta a importância do apoio mútuo. Destaca a todo o momento que sem essa forma de organização mais cooperativa, a lógica competitiva tende a destruir as experiências locais. Diz:

No vale de Audelle, no departamento do Eure, cada aldeia e lugarejo são colmeias industriais e onde a combinação com a agricultura ocorre a manufatura se fortalece. (KROPOTKIN, 1888, p.520)

Por isso trouxe para a nossa ciência uma nova maneira de compreender os fenômenos espaciais e territoriais. Procura analisá-los compreendendo a competição e a cooperação como pares dialéticos.

Insiste em denotar que a cooperação não é um elemento perdido nas suas análises, e sim um importante fator de compreensão dos vários aspectos humanos e físicos. Na magna obra "O Apoio Mútuo", Kropotkin apresenta o que chama de "princípio territorial", algo como demonstramos, estaria muito próximo ao que quase um século depois geógrafos chamariam de territorialidade. (PAULA, 2019)

Para ele:

La sociabilidad y la necesidad de ayuda y apoyo mutuo son cosas tan inatas de la naturaleza humana, que no encontramos en la historia épocas en que hombres hayan vivido dispersos en pequeñas familias individuales(...) entonces, una nueva forma de unión, fundada en el *principio territorial* - es decir, la comuna aldeana (...). KROPOTKIN, 1989, p. 165)

É discutindo esse princípio territorial que o nosso autor debate os vários aspectos da organização humana. A partir dele, podemos perceber inúmeras análises que destacam como esse *principio territorial* se efetiva no espaço geográfico.

Abre-se um mundo de possibilidades que destoa, quase que completamente, de uma análise que no século XIX tratava ação territorial como algo da esfera exclusiva do Estado-Nação.

Segundo essa concepção:

a sociedade que consideramos, seja grande ou pequena, desejará sempre manter sobretudo a posse do território sobre o qual e graças ao qual ela vive. Quando esta sociedade se organiza com esse objetivo ela se transforma em Estado. (RATZEL apud CANDIOTTO, 2009, p. 316)

Como anarquista, Kropotkin afirma que o Estado não é uma construção complexa de uma sociedade que evoluiu. Ele é basicamente a tomada do poder por alguns indivíduos que têm projeção econômica e, que assim podem manter os seus privilégios.

Associar o Estado-Nação ao desejo da sociedade como um todo é um equívoco. Ele é apenas a vontade de suas elites. O componente ideológico é seu substrato espiritual (Hinos, bandeiras etc.) e o conflito armado o principal elemento de experimentação.

Por isso os geógrafos de sua época, como Ratzel e Mackinder, estavam totalmente ligados ao discurso oficial de manutenção do Estado-Nação como a mais completa estrutura de uma sociedade.

Percebemos que o geógrafo russo não é apenas um estranho no ninho, um ser excêntrico. Ele propõe uma metodologia de análise geográfica que foge completamente dos pressupostos de seus contemporâneos.

Quando analisa esse princípio *territorial* fica patente a presença de suas proposições sobre o apoio mútuo. Nesse sentido, ele propõe aquilo que chamei de territorialidades solidárias. (PAULA 2019)

Essas territorialidades aparecem em sua obra conforme o avanço nas discussões sobre os diversos tipos de organização humanas no tempo e no espaço. Seja na Idade Média, ao analisar as cidades livres e a formação das guildas, Kropotkin concebe que, muito embora existissem alguns governantes ou monarcas, a lógica predominante era a do apoio mútuo entre os seus habitantes, algo que se espalhava a partir da formação de redes supraterritoriais.

Na época Moderna, posterior a Baixa Idade Média, ele observa o arrefecimento dessa territorialidade solidária e surge um poder centralizado, com a formação de Estados Nacionais.

Por fim na época contemporânea, assegura que as territorialidades solidárias, ainda que sobrantes estariam localizadas entre os trabalhadores urbanos, nas suas organizações e manifestações, bem como nas periferias das grandes cidades.

Então:

(...) cada año, en Europa y América, se producen miles de huelgas y despidos en masa, y las así llamadas huelgas 'por solidaridad', provocadas por el deseo de los trabajadores de apoyar a los compañeros despedidos del trabajo o bien para defender los derechos de su uniones, son las que se destacan por su esencial duración y severidad. (KROPOTKIN, 1989, p.261)

É importante perceber que existe uma relação quase que simbiótica entre território e solidariedade. A solidariedade se expressa em um dado território ou territórios. Como hegemônica ou residual, as territorialidades solidárias coexistem com a territorialidade do Capital.

Compreendemos a partir de suas análises que existe uma relação dialética entre essas territorialidades. A depender da época em que ele analisa, uma ou a outra se sobrepõe. Essa dinâmica de hegemonias e contra hegemonias demonstra que não existe uma única tendência em todo o período histórico. Os seres humanos procuram diversas maneiras de se organizar.

Ao demonstrar que o apoio mútuo é o principal fator de evolução entre os seres vivos, Kropotkin não nega a competição. Ela apenas corrobora um discurso oficial que ele pretende contradizer.

Por isso a necessidade da auto-organização dos mais pobres. Eles precisam perceber que essa lógica de organização pautada no indivíduo e suas conquistas pessoais é uma exegese que apenas favorece a elite econômica e política.

A competição e a meritocracia colocam todos os trabalhadores em luta constante. Eles precisam sobreviver numa sociedade pautada na lógica do Capital e disputam arduamente os empregos.

Enquanto acreditando que esses valores são naturais, ou seja, delegados pela Natureza a todos os seres vivos, os desfavorecidos socialmente se transformam em meros reprodutores sem autonomia.

Kropotkin quer apresentar justamente o contrário. Os valores da sociedade burguesa não são criações etéreas de uma Natureza na qual predomina, única e exclusivamente, a luta pela sobrevivência.

Ao tecer comentários sobre essas diferenças entre ricos e pobres, vai afirmar:

Bajo el sistema moderno de vida social, todos los lazos de unión entre los habitantes de una misma calle o vecindad han desaparecido. En los barrios ricos de las grandes ciudades, los hombres viven juntos sin saber siquiera quién es su vecino. Pero en las calles y callejones densamente poblados de esas mismas ciudades todos se conocen bien y se encuentran en continuo contacto. (KROPOTKIN, 1989, p.273)

O que faz que na mesma cidade, uns mal se conheçam e outros estejam em contínuo contato? Simplesmente as diferenças sociais que se plasam em organizações socioterritoriais díspares.

Pensar o mundo fora do padrão normativo e hegemônico: eis o objetivo de nosso geógrafo anarquista. Ao realizar essa tarefa Kropotkin não é um anarquista revolucionário que busca incansavelmente a construção de uma utopia.

Ele é um geógrafo anarquista ou um anarquista geógrafo. E sendo um geógrafo adjetivado ou não, Kropotkin une o seu pensamento libertário com suas convicções científicas.

O apoio mútuo deixa de ser uma defesa de um fator evolucionário para se transformar em uma metodologia de análise. É preciso buscar as suas diversas expressões no tempo e no espaço.

Com essa metodologia ainda incipiente e ligada diretamente ao território, Kropotkin demonstra as diversas facetas humanas que foram constituídas ao longo dos séculos.

Ao realizar essa incumbência de um anarquista que quer se contrapor ao mais despótico reacionarismo, ele constrói uma própria metodologia geográfica, pautando que as solidariedades são essencialmente territoriais.

Essa é uma das principais contribuições do anarquista e do geógrafo. Compreender o território e as suas manifestações pelo prisma do mais pobre, dos trabalhadores e daqueles que vivem nas periferias e quase sempre são esquecidos.

Mas não só isso. É também necessário que seus escritos sejam uma fonte de inspiração e esperança. E isso ocorre. Se no seu cotidiano de um capitalismo implacavelmente cruel, o olhar mais sensível se perde no meio das fumaças das fábricas, Kropotkin demonstra que essa paisagem nem sempre foi hegemônica.

É preciso mudar nossos valores, ainda impregnados de toda uma tessitura pautada na desigualdade e competição. A história do apoio mútuo é clara: os territórios já foram mais solidários.

Um mundo novo que se abre. Essa é a proposta do anarquista russo. Mas para que isso ocorra o geógrafo e cientista social nos mostra o caminho a ser trilhado. E assim percebemos que o apoio mútuo é o elo que nos une cotidianamente, e que ele se expressa em territórios socialmente mais justos, hegemônicos ou não.

Considerações Finais

Pensiero e Volontá! Essa era o nome de uma das várias revistas criadas pelo anarquista italiano Errico Malatesta⁷. Em tradução literal teríamos “Pensamento e Ação”. E é assim que vemos o trabalho deste importante geógrafo que acabamos de discutir.

Com Kropotkin a anarquia e a Geografia se coadunam e parecem funcionar como um nome composto. Como pensar a geografia que não seja de forma dinâmica e autônoma e a anarquia sem um substrato territorial?

Com as ideias dele, essa ciência deixa de ser rebuscada, digna de grandes intelectuais ou fadada a um grupo de estrategistas militares. Passa a ser um conhecimento holístico embora pouco academicista, ligada aos mais pobres e menos instruídos. Com

7 Errico Malatesta foi um importante anarquista italiano. Defensor das ideias anarco comunistas, foi propagandista, criando inúmeros jornais e revistas, bem como artigos sobre as várias vertentes do campo socialista.

o seu comprometimento com as mudanças sociais, torna-se um corpo de ideias pronto a serem colocados em constante movimento.

A Geografia anarquista é um programa científico, mas também societário. Tem como seus principais pressupostos a defesa de uma relação mais harmônica e democrática entre os indivíduos, destes com a Natureza, buscando a construção de uma sociedade mais igualitária.

Não é um saber no qual a capacidade de transformar esteja, única e exclusivamente, na mente de alguns sábios professores, doutores e demais demiurgos universitários.

Aparece na vida cotidiana, na realidade da escola básica, nas questões de método que consigam colocar luz em um problema real e não apenas teórico. Um constructo equilibrado entre doutos e iniciantes, buscando verdadeiramente uma possibilidade de projeção de um ambiente mais agradável e capaz de verdadeiramente trazer ao debate todos os envolvidos.

Com Kropotkin percebemos isso. A sua preocupação é dissipar preconceitos, possibilitar novos arranjos estruturados em papéis sociais equânimes, onde o espaço e o território apareçam sempre ligados a uma prática popular.

Em um momento marcado pela antinomia de ideais que possam levar a um rompimento institucional generalizado, as ideias do anarquista russo podem nos remeter a um novo paradigma de compreensão de nossa realidade.

As ferramentas desta Geografia anarquista nos capacita a compreender as relações humanas não mais ligadas exclusivamente aos interesses do Estado e do Capital.

Os artífices deste território em construção serão os mais oprimidos, aqueles que buscam cotidianamente saídas para a formação de um ambiente mais democrático, participativo e de equilíbrio.

Com o apoio mútuo, as ideias anarquistas de Kropotkin apontam um novo alvorecer de liberdade, no qual as relações entre o indivíduo e o coletivo estejam amplamente sintonizadas.

Assim, as pessoas vão percebendo que a luta por melhorias passa necessariamente por negar os valores que as oprime continuamente. Com isso, a solidariedade substitui a competição, a igualdade a meritocracia, o livre pensar o apagamento das diferenças, e a luta pela sobrevivência torna-se menos implacável.

Para que esses ditames se tornem realidade teremos que pensar e agir completamente diferentes do que fazemos ainda hoje. Não mais a defesa da hierarquia, mas da autonomia, do saber professoral para as trocas igualitárias. Só assim partiremos de uma educação opressora para uma educação libertadora

Kropotkin e tantos outros anarquistas pensaram, construíram e realizaram uma ciência social sempre **com** os indivíduos e nunca para **eles**.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia: Ciência da Sociedade*. São Paulo: Editora Atlas, 1992.
- AZEVEDO, Aroldo. A geografia francesa e a geração dos anos setenta. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 50, p. 7-28, mar.1976.
- CANDIOTTO, Luciano P. Experiências geográficas em torno de uma abordagem territorial. In: SAQUET, M.; SPOSITO, E. *Território e territorialidades teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p.315-340.
- GOULD, S.J. Kropotkin was not crackpot. *Natural History*, v.97, n.7, p.12-21, 1988.
- KROPOTKIN, Piotr. *El Apoyo Mutuo*. Cali: Ediciones Madre Tierra, 1989.
- KROPOTKIN, Piotr. *Escritos sobre educação e geografia*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012a
- _____. *Apoyo Mútuo- um fator de evolução*. trad Dinah de Abreu Azevedo. Porto Alegre: Deriva, 2012c.
- _____. *Sobre o ensino de Fisiografia*.trad Eduardo Rodrigues e Urubatan Nery. *Revista Território Autônomo*, n.1, p.69-81, 2012b.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Editora da USP, 2002.
- VESENTINI, J. W. O método e a práxis (notas polêmicas sobre geografia tradicional e geografia crítica). *Terra Livre*, [S. l.], n. 2, 2015.
- WOODCOCK, George et all. *El Principe anarquista*. Madrid: Ediciones Juca, 1975.
- PAULA, Amir El Hakim de. *Geografia e Anarquismo: A importância do pensamento de Piotr Kropotkin*. São Paulo, Editora Unesp, 2019.